



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ – UNIFESSPA
INSTITUTO DE ESTUDOS DO XINGU – IEX
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

SAMARA MARIANO DE OLIVEIRA

**SILENCIAMENTO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA FEMININA NOS
CONTOS “AS CICATRIZES DO AMOR”, DE PAULINA CHIZIANE E
“NATALINA SOLEDAD”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO.**

SÃO FÉLIX DO XINGU-PA
2021

SAMARA MARIANO DE OLIVEIRA

**SILENCIAMENTO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA FEMININA NOS
CONTOS “AS CICATRIZES DO AMOR”, DE PAULINA CHIZIANE E
“NATALINA SOLEDAD”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
(UNIFESSPA) do Instituto de Estudos do Xingu,
Campos de São Felix do Xingu, para a obtenção do
grau de Licenciatura em Letras – Língua portuguesa.

Área de atuação: Estudos Literários
Linha de pesquisa: Literatura de autoria feminina
Orientador: Prof. Dr^a. Luciana de Barros Ataíde

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial do Instituto de Estudos do Xingu

Oliveira, Samara Mariano de

Silenciamento, memória e resistência feminina nos contos “as cicatrizes do amor”, de Paulina Chiziane e “Natalina Soledad”, de Conceição Evaristo / Samara Mariano de Oliveira ; orientadora, Luciana de Barros Ataíde. — São Félix do Xingu, PA: [s. n.], 2021.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de São Félix do Xingu, Instituto de Estudos do Xingu, Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, São Félix do Xingu, 2021.

1. Literatura brasileira – história e crítica. 2. Mulheres na Literatura. 3. Mulheres - Identidade. 4. Memória. 5. Silêncio. 4. Conceição, Evaristo, 1946 -. I. Ataíde, Luciana de Barros, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 23. ed.: B869.09

Elaborada por Renata Matos de Souza – CRB-2/1.586

SAMARA MARIANO DE OLIVEIRA

**SILENCIAMENTO, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA FEMININA NOS
CONTOS “AS CICATRIZES DO AMOR”, DE PAULINA CHIZIANE E
“NATALINA SOLEDAD”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO.**

Aprovada em 19/08/2021

BANCA EXAMINADORA

Professora: Dr^a. Luciana de Barros Ataíde (Unifesspa – Orientador)

Professor Doutor Fabio Mario da Silva (Unifesspa – Avaliador interno)

Professora Doutora Mírian Cristina dos Santos (Unifesspa – Avaliador interno)

Dedicatória

A Isabel Beserra Mariana, minha vovó “Bebel” tão amada, que compreendeu nos momentos em que meu tempo não poderia ser somente dela.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus o nosso refúgio e louvor, segundo aos meus familiares em especial meus pais Nélio Alves de Oliveira e Maria da Paz Beserra Mariano por sempre me incentivar a estudar e prosseguir em buscas dos meus sonhos. Ao meu Avô Alexandre José Mariano, aos meus irmãos Isaac Pedro, Lucas Nélio, Judsley e Judsleny, minhas cunhadas Jessica Rodrigues e Mirela Garcia e meus sobrinhos Yuri, Yasmim, Hevelton e Hellen Vitória. Estes são responsáveis pelo sonho que almejo e por toda realização que deles eu possa obter.

Agradeço generosamente a professora doutora Luciana de Barros Ataíde pela orientação na elaboração deste trabalho, meus sinceros agradecimentos, a coordenação deste curso, ao qualificado grupo de professores do curso de Letras Língua-Portuguesa Campus de São Félix do Xingu por serem tão importantes para o nosso saber acadêmico.

Meus agradecimentos á família Ferragista seu José Fernandes de Barros e Valda Cardoso de Moraes Barros pelo trabalho na sua empresa e por me ajudar nas coisas práticas da elaboração de estudos do curso.

Aos colegas de curso, companheiros, que compartilharam momentos especiais e difíceis durante esses quatro anos de estudo, deixo aqui nessas simples linhas meu muito obrigado.

Resumindo minhas palavras “Obrigadas a todos”, que tornaram de alguma forma esta pesquisa possível, inclusive os estudiosos que foram referência neste trabalho.

*“Deixo-te como herança a coragem
Deixo-te como herança a força para lutar
e vencer Deixo-te o orgulho de existir”*

(Paulina Chiziane)

RESUMO

Este trabalho tem como proposta apresentar uma discussão acerca do silenciamento feminino, tendo como referência as personagens centrais dos contos “As cicatrizes do amor” (1994), de Paulina Chiziane e “Natalina Soledad” (2016) de Conceição Evaristo. Nas duas personagens, Maria, do conto de Paulina e Natalina, do conto de Conceição, será possível observar a memória como ponto de força e de resistência dessas duas mulheres que sofrem com a submissão de seus corpos e o silenciamento das suas vozes dentro das narrativas. No entanto, observamos também que, no decorrer da narrativa, essas personagens passam por processos de transformação, saindo da passividade rumo à transgressão ao lutarem contra uma cultura patriarcal imposta, rompendo padrões de comportamentos pré-determinados para a mulher, tendo como a força motriz para a resistência, a memória de si.

Palavras-chave: Silêncio. Identidade. Memória. Silenciamento.

ABSTRACT

This work proposes to present a discussion about female silencing, having as reference the central characters of the short stories “As Scars do Amor” (1994) by Paulina Chiziane and “Natalina Soledad” (2016) by Conceição Evaristo. In the two characters, Maria, from the short story by Paulina and Natalina, from the short story by Conceição it will be possible to observe the memory as a point of strength and resistance of these two women who suffer with the submission of their bodies and the silencing of their voices within the narratives. However, we also observe that, in the course of the narrative, these characters go through transformation processes, moving from passivity to transgression as they struggle against an imposed patriarchal culture, breaking patterns of pre-determined behavior for women, having as the driving force for resistance, the memory of itself.

Keywords: Silence. Identity. Memory. Silence.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	10
1 O ESPAÇO DA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA.....	13
1.1 A produção literária de Paulina Chiziane.....	15
1.2 A produção literária de Conceição Evaristo.....	17
2 DO SILENCIAMENTO, DA VOZ E DA RESISTÊNCIA.....	19
2.1 Entre o silêncio e o silenciamento.....	20
2.2 A voz da memória como resistência.....	21
3 SILENCIAMENTO, TRANSGRESSÃO, RESISTENCIA E MEMÓRIA.....	25
3.1 O silenciamento e a transgressão de Maria.....	25
3.2 3.2 O silêncio e a resistência de Natalina Soledad.....	31
3.3 Maria e Natalina: pontos da memória.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

Se consultarmos livros de história, sociologia, filosofia, obras literárias notaremos que desde o início da criação do mundo a mulher sempre ocupou um papel inferior ao do homem. Mais do que isso, à mulher sempre foi relegado o espaço do lar, com ocupação dos afazeres domésticos. Antes do casamento a ocupação era aprender o ofício de ser uma boa esposa, uma boa mãe e uma boa dona de casa. Após o casamento o espaço da organização do lar passa a ser de sua inteira responsabilidade. Ao pensarmos biologicamente, a ela cabe a função de reprodutora da espécie humana que dará filhos ao seu marido; isto é, o dom da mulher é o da maternidade; dom este que até em pleno século XXI essa cobrança lhe cai sobre os ombros. Porém, a história das mulheres vai muito além disso, como propõe Mary Del Priore (2012), ao fazer uma crítica ao pensamento retrógrado de que a simbologia em torno da mulher está limitada por funções domésticas e maternas.

Estudos sobre a vida de mulheres em diferentes épocas reforçam as teorias para responder e esclarecer questões sobre os moldes patriarcalistas aos quais as mulheres foram submetidas, sendo silenciadas por mais de quatro séculos de história da humanidade. “Nessa perspectiva, a história das mulheres é fundamental para se compreender a história geral: a do Brasil, ou mesmo aquela do Ocidente cristão”. (PRIORE, 2012, p. 8)

Agora, chegando ao proposto desta pesquisa, o que tem a ver esses estudos históricos sobre a situação da mulher com duas narrativas literárias? Se sabemos ser a literatura a área do conhecimento que tem a palavra como sua matéria-prima, precisamos saber também que na arte literária, nem sempre as palavras dizem o que pretendem dizer, pois elas transcendem os limites dos dicionários, ou seja, é uma arte que cria o universo ficcional. Precisamos entender também que mesmo pertencendo ao universo ficcional, ela não coloca a realidade para escanteio, ao contrário, mantém com ela uma relação. Como diz Saraiva (2006), ao lermos uma obra literária temos a impressão de estarmos diante de um quadro da vida real. Isso porque a literatura é capaz de traduzir dimensões sociais, históricas e culturais. E é pensando nessas palavras de Saraiva que as duas referências literárias para este estudo serão “As cicatrizes do amor” (1994), de Paulina Chiziane e “Natalina Soledad” (2016), de Conceição Conceição Evaristo.

Essas duas narrativas (contos), mesmo tendo sido produzidas em espaços diferentes, apresentam traços bem semelhantes que poderão ser observados no decorrer da construção reflexiva aqui proposta que consiste em buscar apresentar como as personagens desses dois contos, duas mulheres, valendo-se especialmente da memória, obtêm força para lutar contra as

imposições sociais, contra as subjugações femininas, contra as relações sociais que tolhem a liberdade feminina. Portanto, nesse escopo, teremos a arte literária representando o real na arena da ficção. São duas narrativas que fazem uso da linguagem plurissignificativa por meio de uma combinação de códigos retóricos, estilísticos, ideológicos e culturais.

Durante muito tempo, as mulheres foram vistas como sujeitos inferiores aos homens, sendo o patriarcado um produto das relações de poder que constituem as esferas sociais. Com o advento dos movimentos feministas, a mulher buscou ocupar, cada vez mais, espaços na sociedade; o que vai desde a conquista pelo direito ao voto até a ascensão a cargos políticos, chefias, direito de escolhas sobre a própria vida. Essa ocupação de espaços, tidos, por anos, como sendo de pertencimento masculino também se refere à produção literária. Nesse quesito é possível observar um grande avanço de conquista, uma vez que sendo a literatura um forte instrumento de denúncia social, tornou-se um grande aliado das mulheres para falar de si, expor suas dores, dores de outras mulheres e, claro, mostrar que a limitação a que as mulheres foram relegadas, trata-se de imposição e não de uma fragilidade, de uma emotividade, tampouco de uma incapacidade produtiva.

Ressalta-se ainda neste estudo que são narrativas, de mulheres negras, que constituem temas comprometidos com estratégias emancipatórias, segmentos de memórias, tradições e culturas africano-brasileiras, demonstrando experiências vividas como mulheres negras.

Assim, essa pesquisa tem como objetivo mostrar como as mulheres, enquanto sujeito, foram silenciadas, subjugadas e vistas como um ser de espaço social limitado e, por isso, ainda hoje precisam enfrentar muitas dificuldades para conquistarem a própria liberdade de ser. Assim, é uma pesquisa que se justifica pela necessidade de se refletir, de se discutir e de se romper padrões comportamentais que ainda persistem em cercear as conquistas femininas, tendo as memórias das próprias mulheres como a força para o rompimento desses padrões de submissão.

Imbuído desse pensamento, o presente estudo foi estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo vamos falar sobre o espaço da literatura de autoria feminina, trazendo uma maior atenção para a produção das escritoras Paulina Chiziane e Conceição Evaristo. No segundo capítulo vamos refletir um pouco sobre o silenciamento que foi imposto às mulheres durante séculos, trazendo reflexões sobre a distinção entre silêncio e silenciamento de maneira a adentrarmos no elemento memória como um espaço para voz e para a resistência feminina. No terceiro capítulo buscamos mostrar como os elementos silenciamento, resistência e memória eu podem ser vistos nos contos, “As cicatrizes do amor” e “Natalina Soledad” a partir da observação das personagens centrais dessas narrativas, apresentando também os

pontos de semelhanças e distanciamentos entre os dois textos literários. Por fim, chegaremos às considerações finais de maneira a trazeremos reflexões acerca da importância das conquistas femininas para a sociedade e sobre a grande contribuição da produção literária na formação da sociedade.

1 O ESPAÇO DA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

Pensar a história das mulheres é pensar em um cenário de reviravoltas, de autodefesas, de posicionamentos contra o patriarcalismo de séculos de existência, é pensar em atos de resistências e de constante evolução e transformação. Ao fazermos uma comparação entre o atual século com séculos anteriores será possível fazer uma visualização da luta feminina sob vários ângulos e com isso enxergar uma dinâmica e múltipla potencialidade. Isso porque em um dado momento da história da humanidade, muitas lutas foram travadas visando ao rompimento do tradicionalismo. Nesse interim de lutas, o surgimento de movimentos como feminismo, movimento sufragista, movimento Nova Mulher, dentre outros, foi essencial para o redimensionamento dos pensamentos sobre o papel social das mulheres.

A visão sobre a mulher começou a sair do estrito a boa mãe e esposa para ganhar a dimensão de cidadã que durante muito tempo foi oprimida, inferiorizada. Foi assim que o espaço de visão feminina saiu do século XIX ligado a diários, fotos, cartas, relatórios médicos, relatórios policiais, jornais, pinturas; para uma maior visibilização no século XX por meio de livros, de manifestos, todos de autoria de mulheres. A participação na mídia, nos movimentos sociais, nos sindicatos, nas revistas, etc. Como diria Del Priore (2012) são muitos os documentos que o historiador pode utilizar para dar luz às histórias ricas e diversas de conquistas femininas.

Quando pensamos o cenário de representação cultural da mulher, não passa incólume os anos de submissão à escrita literária. Um ponto importante de reflexão nesse cenário é pensar a quantidade de escritores que representaram as mulheres em suas obras, sob a perspectiva da manipulação masculina. Documentos oficiais que contam a história da humanidade, por exemplo, há uma anulação da figura feminina como propulsora das ações, dos fatos, dos acontecimentos, donas dos grandes feitos.

Mesmo quando as mulheres já se comunicavam por correspondências, nos espaços de colonização, ainda havia a reclusão feminina ao espaço do lar, como pode ser observado nas narrativas. Foi com o surgimento de movimentos feministas que, aos poucos, os questionamentos sobre a supremacia masculina começaram a surgir e a mulher começou a assumir múltiplos papéis, inclusive o de autora de obras, como podem ser percebidos em narrativas de Paulina Chiziane e Conceição Evaristo.

A questão é que as mulheres envolvidas com políticas, movimentos sociais, protestos, criação literária não eram bem aceitas como mulheres responsáveis, respeitadas, dignas de confiança pela sociedade do século XIX, pois os pensamentos patriarcais e de subalternidade

feminina ainda estavam bem presentes. Então, já com o domínio cada vez maior da escrita, muitas mulheres começaram a publicar matérias em revistas e jornais contra as discriminações sofridas, utilizando, é claro pseudônimos para manterem sob sigilo a identidade de escritoras, como afirmam Telles e Sharpe (2012)

No início do século, foi comum escritoras adotarem, um pseudônimo para encobrirem a identidade, para serem aceitas pelo público. Nas últimas décadas a adoção do pseudônimo passa a ter outra conotação, começa a ser usado como palavra de poder, marca de um batismo privado para o nascimento de um segundo eu, um nascimento para a primazia da linguagem que assinala o surgimento da escritora. (TELLES; SHARPE, 2012, p. 431)

Como se observa, essa forma de protesto foi o início de um dos maiores ganhos para os movimentos feministas e de direito de expressão escrita. Assim, a postura de submissão foi sendo transformada e as mulheres foram, aos poucos, sentindo uma crescente necessidade de expressão. Com isso, nos anos de 1970, muitas mulheres começaram a publicar comentários sobre assuntos que fazem parte de seus cotidianos.

Por outro lado, é interessante pensar como muitas obras canônicas apresentaram relatos da submissão feminina, direcionadas, exatamente ao público feminino. E essas mesmas obras eram apreciadas por mulheres que não se enxergavam naquela representação de modelo patriarcal de inferioridade. No entanto, ao começarem a se deparar com pensamentos mais críticos, essas obras começaram a ser questionadas. Nas palavras de Telles (2012) “As mulheres, antes de tentarem a pena cuidadosamente mantida fora de seu alcance, precisaram escapar dos textos masculinos que as definiam” (p. 409).

Assim, enquanto um grupo de escritores insistiam nas representações femininas como mero detalhe em suas obras, outros, foram fornecendo uma nova visão sobre mulher em suas produções literárias, o que marcou um rompimento com os estereótipos e uma subversão aos mitos culturais acerca da função da mulher na sociedade. Isso foi essencial também para que se pudesse pensar em uma escrita literária de autoria feminina. Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (2008) diz que

Uma escrita feminina centra-se na relação cultural de mulheres em sociedade. Não é a escrita que simplesmente fala de mulheres, pois homens sempre escreveram sobre mulheres, sem necessariamente produzirem uma escrita feminina. A escrita feminista busca o menor, o microscópico, perpassa pela leveza estranha, pela delicadeza trágica, a sua política é a da subjetividade. (p. 42).

Aqui é possível notar que, para Níncia, a literatura de autoria feminina é um campo

com características universais, pois é uma literatura que envolve o gênero humano por meio de universos criados. Há uma projeção de si por meio das imagens que perpassam as narrativas, o meio onde vive, as ideias e ideologias, sendo essas, características novas na escrita literária, logo, diferentes. E é assim que a literatura feita por mulheres, hoje, envolve conquista de ter uma identidade que não precisa estar sob anonimato, identidade de escrita; envolve reconstrução do papel da mulher; envolve uma voz que por muito tempo permaneceu emudecida, assim como as vozes das personagens Maria, do conto de Paulina Chiziane e Soledad, do conto de Conceição Evaristo. O percurso dessas duas narrativas, muito se assemelha ao percurso de luta feminina por direitos cidadãos. São personagens que saíram do silenciamento e têm, na memória, a voz que resistiu às opressões de universos patriarcais; a voz que se tornou o grito de personagens dessas duas mulheres.

1.1 A produção literária de Paulina Chiziane

Pensar a literatura de autoria feminina é pensar também questões que envolvem opressão, submissão, silenciamento. Anos e anos de dominação masculina em diferentes áreas sociais fizeram com que as vozes das mulheres fossem silenciadas e sufocadas por vários tipos de violência. Utilizou-se aqui o termo “vozes”, no plural, porque quando se pensa a condição social feminina, há diferenças quanto a espaços, gênero, classe social, etnia.

A literatura de autoria feminina começa a despontar no século XIX mesmo que distantes do cânone literário e ocupando um espaço marginal. Ainda assim, marca uma importante evolução na Literatura porque traz para discussões questões como subversão aos estereótipos femininos tradicionais. No século seguinte, as mulheres continuam escrevendo com qualidade, dedicação e ainda assim há uma ausência de mulheres quando se observa a historiografia literária. No século XXI a luta feminina por visibilidade no cenário continua com um repertório temático que veio se ampliando cada vez mais, subvertendo modelos simbólicos hegemônicos, buscando disposições no que se refere à equidade de gênero e mostrando que o papel da mulher na sociedade não se limita distinções físicas e biológicas, tampouco isso interfere na construção identitária de cada uma.

Esse avanço histórico das mulheres no cenário das letras mostra um grande passo rumo à construção de suas identidades, suas capacidades como escritoras, suas contribuições com a arte literária, seus engajamentos na educação, na política, nas diferentes áreas da sociedade. Esse avanço é importante também para mostrar a luta, a resistência e a força

feminina, assim como nos mostra a escritora Paulina Chiziane, ao construir a personagem Maria, para seu conto “As cicatrizes do amor”, publicado na coletânea *As mãos dos pretos. Antologia do conto moçambicano* (1994).

Paulina Chiziane, nasceu na província de Gaza, em Moçambique e cresceu nos subúrbios de Maputo. Estudou na Escola de Missão Católica onde aprendeu a Língua Portuguesa. Paulina, uma contadora de história, iniciou sua atividade literária em 1984 com contos publicados na imprensa moçambicana. São histórias que falam das vivências de tempos difíceis, da esperança, do amor, da mulher e de uma África passada e presente, que a autora soube transferir da oralidade para o papel. Tornou-se a primeira mulher moçambicana a publicar um romance quando lançou o seu primeiro livro, intitulado *Balada de amor ao vento* (1990) seguido de *Ventos do Apocalipse* (1993), o romance *Niketche: uma história de poligamia* (2002) e *O alegre conto a perdiz* (2008).

Paulina foi a primeira mulher moçambicana a escrever um romance nesse país. Em suas produções, por meio das personagens, é possível observar uma escritora que questiona tradições, religiões e o papel da mulher na sociedade. Mas ser a precursora da literatura de autoria feminina em Moçambique não foi tão simples, Paulina foi alvo de muitas críticas, principalmente dos setores mais conservadores do país. Em uma entrevista cedida ao jornal O Povo, publicada em 17 de abril de 2017, Paulina disse que o que ela escreve é “guerra”.

Em muitas das entrevistas que deu, sempre foi categórica ao dizer que escrever sempre fez parte de sua vida, já que passava horas, desde criança, criando histórias. A base educacional dela foi religiosa; ela que vem de uma família cristã protestante. No entanto, ela aponta que essa base teve influência positiva e negativa em sua vida: se de um lado foi essa base quem a ensinou valores sociais, de outro aprendeu a ter uma visão distorcida sobre o papel da mulher, coisa que ela teve que desaprender.

Apesar de nessa pesquisa, estarmos relacionando a escrita de Paulina a processos de desconstruções sociais acerca do papel da mulher, é válido ressaltarmos que em suas entrevistas ela sempre fez questão de mencionar também que não se classifica como uma feminista, mas como uma guerreira e foi por meio de seus escritos que conseguiu mostrar que as mulheres podem até cair, mas se levantam. Essa força de se levantar, essa mulher guerreira de que Paulina fala pode ser bem visualizado no conto que aqui será analisado por meio da personagem Maria.

Maria é a personagem central do conto “As cicatrizes do amor” (1994) que passa por um processo de amadurecimento após a experiência traumática de ser abandonada grávida pelo homem amado e ser expulsa de casa 15 dias após dar à luz sua filha. Com isso,

inevitavelmente, é possível ver, através de Maria, como a tradição que estabelece a subserviência feminina pesa como um trauma para a mulher na sociedade moçambicana de origem patriarcal.

1.2 A produção literária de Conceição Evaristo

A escritora Conceição Evaristo é poetisa militante. Mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Escritora afro-brasileira recorre, por meio de sua escrita, à subjetividade expondo o que a mulher enfrenta diante da sociedade brasileira. Entre suas publicações destacam: *Ponciá Vicêncio* (2003); *Becos da Memória* (2006); e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011). Conceição é uma escritora que tem participações nacionais e internacionais em eventos de Literatura e Mulheres Negras e tem uma escrita que traça uma relação de sua subjetividade de mulher negra e da literatura com a seguinte afirmação:

a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento é uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e que ainda hoje vivem os meus familiares e sua grande maioria negra, de certo influi em minha subjetividade. (EVARISTO, 2009, p. 18).

Ao afirmar tal discurso percebemos que Conceição Evaristo não desprende de sua realidade de mulher feminista e de sua escrita literária. Outra questão existente se dá pela representação do gênero feminino, pela relação de raça e por fim, a relação no que tange à diferença de classe social e relação familiar. Ela, uma mineira de Belo Horizonte que sempre foi participante ativa em movimentos de valorização da cultura negra estreou na literatura em 1990 e hoje tem participação em publicações na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos.

Em uma entrevista cedida ao jornal *Correio Braziliense* em 15 de julho de 2018, Conceição fala sobre o racismo que persiste contra a mulher negra, associado a sujeitos que não são produtores do saber. Para ela, quebrar esse imaginário que coloca a mulher negra na condição de subalternidade se faz urgente, especialmente por causar nela, enquanto escritora, um grande desinteresse no mundo literário. Então, ela completa que melhor forma de enfrentar esse imaginário é escrevendo. Em uma confissão, nessa mesma entrevista, ela diz que já teve a oportunidade de encontrar vários escritores em eventos e desses, poucos a

cumprimentavam. Inclusive, alguns só passaram a cumprimentá-la depois de receber o Prêmio Jabuti de Literatura em 2015.

Foi nessa entrevista também que Conceição afirmou ser o movimento negro, o primeiro lugar de recepção de sua produção literária e foi por causa dessa legitimação que seus textos passaram a ser levados para as salas de aulas. Ao criar suas personagens Conceição diz que tem todo um cuidado para não apresentá-las de forma estereotipada, como costuma ver em obras do que ela chama de “outra literatura”. Um elemento bem marcante na construção é a apresentação da solidão, que é característica do ser humano, e quando colocada em uma personagem negra é como se a humanidade que lhe foi retirada lhe fosse devolvida.

O seu volume de contos intitulado *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) é um grande exemplar de sua luta pela defesa do respeito não objetificação da mulher negra. Nessa coletânea o destaque é dado às relações de gêneros em um contexto social marcado pelo racismo e pelo sexismo. E é dessa coletânea que faz parte o conto que nesta pesquisa será analisado. O conto é “Natalina Soledad” (2011), que traz a história de uma protagonista rejeitada por seus pais desde o nascimento e recebe o nome de Troçoléia Malvina Silveira.

2 DO SILENCIAMENTO, DA VOZ E DA RESISTÊNCIA

Durante séculos, o papel da mulher sempre foi visto como inferior ao papel do homem: de um lado, sempre coube aos homens os espaços públicos; do outro, sempre coube às mulheres o espaço privado, do lar, dos afazeres domésticos. Porém, com lutas, movimentos sociais e com dedicação, as mulheres foram além desse contexto e começaram a assumir sua própria história de luta e de determinação. Mary Del Priore (2012) diz que é um pensamento antiquado de que a figura em torno da mulher está reduzida por encargos domésticos e maternais. A vida das mulheres é retratada em diferentes épocas reforçando seu gênero que pelem desde metade do século XX para esclarecer incertezas acerca das regras patriarcalistas aos quais as mulheres eram impostas impondo e permitindo o silenciamento.

As reflexões de gênero em torno da mulher, não podem ser investigadas particularmente, pois, como afirma Del Priore (2012) “a história das mulheres é fundamental para se compreender a história geral: a do Brasil, ou mesmo aquela do Ocidente cristão”. (p. 8).

Simone de Beauvoir discorre em sua obra *O segundo sexo – a experiência vivida*, sustentando que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. (BEAUVOIR, 1980, p. 9). Segue atestando que as crianças, em seus primeiros anos de vida, não imaginaram diferenças sexualmente entre meninos e meninas distintas. A diferença se torna compreensível desde o momento em que a criança ainda na sua infância, entra em conhecimentos com princípios diferentes e formas de convívio social; a partir desse momento que inicia um ritual de diferenciação no qual os meninos passam a receber uma educação livre dos apontamentos sociais, enquanto as meninas são educadas a terem um comportamento restrito, oprimido e alheio ao conhecimento que elas possam ter sobre si mesmas.

Alguns estudiosos antigos afirmam a desigualdade entre homens e mulheres de uma forma naturalizada com tom de preconceito:

Assim, Platão e Aristóteles não hesitaram em estabelecer a desigualdade da mulher como “um fato da natureza, que deveria obedecer a um fim qualquer” e justificavam a inferioridade feminina com a mesma desenvoltura com que se referiam à sujeição do escravo. (GONÇALVES, 2006, p.18).

Notamos com isso que o masculino e o feminino permanente não se firmam em relação aos gêneros homens e mulheres, mas sim a partir das criações realizadas nessas sociedades, criações essas que naturalizaram, historicamente, essa distinção.

O termo gênero é estudado pelo movimento feminista sendo de grande valia por ser essencial para entendermos os objetivos do movimento, bem como o histórico de lutas e conquistas. A exemplo disso, temos o texto de Guacira Lopes Louro (1997) “Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista” que mostra como as mulheres, nos movimentos, “brigaram” contra a inferioridade, a discriminação e opressão. Essa “briga” afirma a rejeição ao determinismo biológico embutido nas discussões entre homens e mulheres, problematizado pelo modelo social, já mencionado por Simone de Beauvoir.

Quando pensamos a condição da mulher negra, nesse processo de luta por igualdade e contra a discriminação o processo de conquista é ainda mais lento devido a questões que não são apenas de conquistas de espaço feminino, mas também de luta contra preconceitos raciais.

2.1 Entre o silêncio e o silenciamento

Traçar um paralelo de discussões que trata de questões que envolvem o silêncio e o silenciamento na linha dessa pesquisa que envolve a condição feminina, precisamos estabelecer essa distinção entre silêncio e silenciamento bem como nos remetermos aos atos discursivos que enquadram, normatizam, silenciam os/as sujeitos/as.

Segundo Anderson Ferrari (2011) a existência das mulheres é atravessada por jogos de verdades que dizem sobre seus corpos, suas sexualidades, suas formas de ser e de estar no mundo. Diz ainda que questões que envolvem silêncios e silenciamentos estão envolvidas em processos disciplinares. Nas sociedades discursivas, o calar e o falar estão envolvidos nos jogos de poder e força. Assim, quando pensamos a condição feminina na sociedade, vemos que o calar, historicamente foi delegado à mulher, enquanto o falar foi delegado ao homem.

No que se refere a questões que envolvem conceitos, temos que o silêncio está associado à abstenção da fala, ao silenciar-se. Já o silenciamento está ligado a uma ação sobre o outro, ou seja, uma estratégia de impor o silêncio ao outro. Em uma sociedade que foi feita para acatar falas masculinas e silenciar falas femininas, temos, então, uma história de silenciamento da mulher. Muitas mulheres mantiveram-se em silêncio porque sobre elas foi aplicado o método disciplinar de silenciamento.

O silenciamento feminino, ao longo dos tempos, chega também em torno da criação literária de autoria feminina. As duas escritoras, aqui representadas por suas narrativas, Paulina Chiziane e Conceição Evaristo trazem, em entrevistas cedidas a veículos de informação, informações sobre os silenciamentos que foram impostas a si por serem mulheres

negras que produzem literatura, especialmente porque, se historicamente, os homens foram colocados como superiores às mulheres, aceitar a produção literária de autoria feminina é comprovar que a mulher está equiparada ao homem, o que é uma transgressão.

Nesse aspecto, temos que a disputa por um espaço social pelas mulheres se torna ainda mais forte e necessário para a ocupação do espaço de escritoras. Um espaço importante, pois, como pode ser observado nas narrativas de Paulina e Conceição há uma valorização das obras por tratar de questões que ultrapassam os limites do estéticos, já que tocam em questões da condição feminina negra. Pelo processo criativo, Paulina, com a personagem Maria e Conceição com a personagem Soledad mostram que aquele perfil de personagens ingênuas e inocentes vem sendo ocupado por personagens que refletem a dinâmica social, denunciando os silenciamentos que são impostos à mulher.

Dessa forma, notamos que mesmo que a construção social tenha o silenciamento como uma estratégia disciplinar imposta às mulheres, temos as duas narrativas como referências de resistências que atuam nos jogos de poder e que podem operar no rompimento dos silêncios.

2.2 A voz da memória como resistência

A arte literária torna-se um processo mimético representando a realidade, mas mediante ao processo de ficção ela apresenta uma versão do que poderia ser. Para isso, ela utiliza de uma linguagem com vários significados heterogênea, inserindo combinações de códigos estilísticos e ideológicos. Vale citar, ainda a possibilidade de o responsável assemelhar como verdade o que é narrado; ser presente na produção, pois o texto literário é um lugar intertextual que o autor recria diversos textos.

A literatura também exerce o papel de criador de personalidade e de humanizador do homem, conforme evidencia Antônio Candido (2017). Nessa direção, a literatura representa a realidade, atuando para legitimar o caráter humano e recolocando o indivíduo na participação de um universo coletivo, atuando na construção de identidades da imagem de si. Outro aspecto que se mantém intrínseco ao trabalho com a literatura é a memória, seja pela existência da própria obra de arte ou pela perspectiva das personagens que figuram o enredo de uma narrativa literária.

Michael Polalk (1992), sociólogo austríaco, adotando a ideia e valor da memória, diz que a memória é uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer guardar, por fazerem parte dos sentimentos e pertencimentos e das fronteiras

sociais. Assim, repostando esse pensamento de Pollak para a literatura, temos, então, a observação do jogo de forças pautado pelo momento presente e pela verossimilhança e pela coerência de sentidos construídos pela obra literária. Michael Pollak (1992) diz ainda que a memória “[...] deve ser entendida também, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992, p. 201). Quando reportamos esse pensamento para a arte literária, vemos que é importante particularizar que a lembrança nas narrativas fictícias constrói referências de lugares, costumes, datas e pessoas. Tais pontos são responsáveis por formarem uma memória individual que, determina na memória coletiva um despertar de sentimentos e de pertences, definindo, porém o que é comum ao grupo; ao dar elevação do que diferencia um de outros (POLLAK, 1992).

Conceições Evaristo em sua obra, *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), traz uma coletânea de narrativas construídas a partir do processo de escuta das histórias de vida de diferentes mulheres, ou seja, tem a obra literária como um lugar de memórias que foram silenciadas até o momento em que essas mulheres puderam, efetivamente, terem a memória como resistência aos silenciamentos que são impostos às mulheres. A condição da personagem Natalina Soledad, que o conto de Paulina estudado nessa pesquisa, traz uma voz que carrega sentimentos, dores, alegrias, sussurros e gritos de muitas de pessoas, sobretudo de mulheres cujas vozes foram insistentemente silenciadas.

Outra obra que se configura como um lugar de memória é o conto “As cicatrizes do amor” (1994), de Paulina Chiziane, especialmente por mostrar, através da personagem Maria, a opressão sofrida pelas mulheres, por serem mulheres, devido às ideias que regem áreas mais conservadoras de uma sociedade. Há, portanto, nas duas narrativas, a recriação de espaços de resistências de maneira que as vozes femininas, marginalizadas pelos processos de poderes racistas e patriarcais, tenham a memória como ponto essencial de resistir ao silenciamento.

A pensadora Margareth Rago (2009) diz que a invisibilidade da mulher engendrada por uma cultura androcêntrica produz discursividades de pouca participação da mulher na esfera pública, o que vem produzindo uma discursividade de passividade e de invisibilidades das mulheres, ao passo que coloca os homens como os grandes vultos patrocinadores das grandes transformações da humanidade. Essa fala de Rago se faz presente nas duas narrativas sob duas perspectiva: no conto de Conceição Evaristo, Natalina Soledad expõe seu sofrimento ligado a sua família, o que impulsionou um silêncio como forma de adquirir resistência, tanto que passou a cuidar de si mesma até chegar ao momento em que a troca de nome pudesse ser a força motor para deixar o sofrimento e renascer para outra vida, mesmo que toda a violência

sofrida tenha deixado feridas incuráveis, como a dificuldade de construir uma relação com o sexo oposto.

No conto de Paulina Chiziane, Maria também expõe um sofrimento ligado à família que se inicia pela expulsão de casa ordenada pelo pai, aprende, sozinha a cuidar de si e da filha e também tem o silêncio como forma de adquirir resistência, até chegar ao momento em que consegue ter o próprio comércio: “caserna de Maria” e assim ter condições de cuidar não ter que se curvar aos abusos e silenciamentos. As duas personagens relatam suas histórias, as duas personagens têm a memória como lugar de resistência.

Para Halbwachs (2004), nós só temos capacidade de lembrar quando assumimos o ponto de vista de um ou mais grupos e nos situamos em uma ou mais correntes do pensamento coletivo. No conto de Paulina, notamos que Maria toma coragem de puxar seu arquivo de memória e narrar sua história a partir do momento em que ela se situa no pensamento daquela mãe que abandonara duas crianças, conforme mostrava o jornal.

Assim, tendo os dois relatos das duas personagens, percebemos que as duas narrativas se configuram como lugares de memória, pois como afirma Pierre Nora (1993), os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que reside no arquivo de memória criado. Para ele, os lugares de memória têm os sentidos de material pelo sentido demográfico; funcional pelo sentido de hipótese garantida pela cristalização da lembrança e pela transmissão; e simbólico na medida em que o acontecimento ou a experiência vivida por um grupo caracteriza uma maioria que não participou desse acontecimento em si, mas que poderia ter participado, exatamente por pertencer a tal categoria.

Notamos, com isso, que as duas narrativas têm o sentido funcional construído como resistência na voz das duas personagens e tem o sentido de simbólico, pois cada uma das personagens tem suas experiências traumáticas com situações distintas, mas ao mesmo tempo igual porque o que uma vivenciou, poderia também ter sido vivenciado pela outra e por qualquer mulher desse espaço de onde as narrativas falas, já que ser mulher caracteriza a condição de fazer parte de um grupo que tem mesma condição, sofre com os licenciamentos e com os poderes patriarcais, mesmo que em escalas diferenciadas.

Michael Pollak (1992), diz que a memória, seja ela individual ou coletiva, tem como elementos constitutivos acontecimentos, pessoas e lugares; e tem as experiências vividas pessoalmente e aquelas que foram vividas pelo grupo a que se pertence. Trata-se, portanto, de uma memória “herdada”. Essa memória é composta por pessoas, personagens não necessariamente do nosso tempo, mas que por meio da transmissão é possível saber sobre os fatos como se fossem conhecidos por quem ouve essas histórias. Portanto, temos a conclusão

de que os dois pesquisadores tratam da memória de maneira semelhante e essa semelhança pode ser observada nas duas narrativas a partir das experiências e dos relatos das duas personagens nos dois contos.

3 SILENCIAMENTO, TRANSGRESSÃO, RESISTENCIA E MEMÓRIA

Sabe-se que, durante muito tempo, as mulheres foram vistas como sujeitos inferiores aos homens dentro das esferas da sociedade, sendo o patriarcado um produto dessas relações de poder. Com o advento dos movimentos feministas, a mulher buscou seu lugar na sociedade, desde a conquista pelo direito ao voto até a ascensão de cargos políticos e de chefia. Mesmo que a passos lentos, muitas conquistas que foram obtidas. Quando se pensa a condição de mulher negra nesse processo de conquista, o processo é ainda mais dolorido e mais lento.

Na literatura, essa condição de inferioridade, afirmada por um silenciamento imposto à mulher também pode ser verificada, especialmente quando se trata da literatura escrita por mulheres negras, representando a condição social da mulher negra. É isso que pode ser visto nos contos “As cicatrizes do amor” (1994), de Paulina Chiziane e “Natalina Soledad” (2011), de Conceição Evaristo. São duas narrativas nas quais se destacam a condição de submissão e de silenciamento feminino, revelando formas de violência contra a mulher justificadas nos aspectos sociais, culturais e históricos.

3.1 O silenciamento e a transgressão de Maria

A escolha do conto “As cicatrizes do amor”, de Paulina está relacionada à relevância dessa narrativa de maneira a apresentar, pela representação que é própria da literatura, a situação da mulher no contexto moçambicano, que sempre foi marcada por barreiras de estruturas sociais e culturais.

No conto será possível observar as lutas e conflitos internos que a mulher carrega, já que serão evidenciados aspectos do cotidiano feminino, a partir das evidências dos signos socioculturais que denunciam o lugar secundário reservado a ela. Esse lugar secundário se deve ao patriarcalismo exacerbado e a dominação masculina que se deram em diferentes áreas da sociedade, fazendo com que as vozes femininas fossem sufocadas por meio da violência física e moral, dentro e fora de seus lares. Esses elementos de submissão já podem ser observados logo no início do conto, quando da seguinte passagem: “Diabos me levem se não estou bem nesta roda de mulheres sentadas na areia e os homens nas cadeiras.” (CHIZIANE, 1994, p. 128). Isso mostra que o conto “As cicatrizes do amor” problematiza as relações de gênero e o do papel da mulher na sociedade moçambicana contemporânea através de uma

construção social na qual os homens têm um lugar privilegiado se comparado ao da mulher. A eles, são oferecidos desde os melhores lugares à mesa até a oportunidade de ascensão social.

Essas representações sociais acabam por se tornarem subjetivas na medida em que passam a fazer parte formadora da consciência da população e a fornecerem um modo de viver em sociedade de forma inquestionável. Isso significa que o olhar masculino está acima dos direitos femininos, neutralizando-os, o que favorece a criação de movimentos de identidades fragmentadas quando o assunto é o feminino. O lugar das mulheres submissas consiste na conservação sem ação, sem adequação, já que o outro (o patriarca) impõe o que lhes é permitido fazer e dizer. Nesse processo, nota-se um silenciamento em relação às posições sociais do sujeito.

Cabe mencionar, nesse momento, que silêncio e silenciamento fazem parte das formações disciplinares dos sujeitos e nos jogos de poder e força. Para Ferrari (2011), a mesma formação discursiva que permite a fala de uns, pode calar a voz do outro. Esse posicionamento é o que pode ser observado no conto “As cicatrizes do amor”. Nessa narrativa de Paulina, nota-se também as relações de gêneros existentes em uma sociedade patriarcal. Segundo Manuel Castells (2001), para que a autoridade patriarcal possa ser exercida, é preciso que o sistema permeie toda a organização da sociedade. Afirma ainda que “os relacionamentos interpessoais e, conseqüentemente, a personalidade, também são marcados pela dominação e violência que têm sua origem na cultura e instituições do patriarcalismo” (CASTELLS, 2001, p. 169).

Quando voltamos ao conto de Paulina, nota-se a retratação das mulheres como incapazes de ter um olhar crítico e social para seu universo. Sendo assim, são relegadas de suas próprias vidas. São mulheres silenciadas, sem autonomia ou conhecimento suficiente para fazer a própria história. Assim é o universo vivenciado pela personagem Maria, filha de família tradicional que é obrigada a enfrentar o peso dessa tradição quando é proibida, pelo pai, de casar-se com o homem que amava. Essa proibição faz com que Maria seja abandonada por ele estando grávida. Quinze dias depois do nascimento da criança, Maria é expulsa de casa. A atitude do pai é o mote que impulsiona a personagem ao mergulho nos costumes do universo de Moçambique através da evocação das tradições e do trauma que as imposições das regras da sociedade trazem.

Nota-se que a proibição de se casar com quem havia escolhido e ser expulsa de casa por ter uma criança sem ser casada, coloca a personagem Maria de sujeito silenciado. Ferrari (2011) explica que o silenciamento está associado a uma ação de um sujeito sobre o outro, ou seja, trata-se de uma estratégia de impor o silêncio ao outro; enquanto o silêncio, em si, é a

falta de ruído; é o silenciar-se, calar-se. O que é preciso deixar claro que o silêncio de Maria não se liga pelo ato de calar-se, abster-se da fala; o silêncio de Maria tem origem no silenciamento; ao silêncio que lhe foi imposto. Observamos, então, que o silenciamento foi colocado sobre Maria como uma estratégia disciplinar; estratégias utilizadas pelas sociedades patriarcais, a fim de silenciar as mulheres.

O conto caracteriza-se, ainda, por um modo lírico de narrar, o que, segundo Inocência Mata (2000), reforça o processo rememorativo. A narrativa tematiza a memória como veículo de revitalização identitária. No caso de “As cicatrizes do amor”, “... uma memória individual se confronta com os ditames de uma sociedade tradicionalista”. (MATA, 2000, p. 136). A personagem inicia sua história a partir de uma notícia de jornal, quando a voz de Maria é ouvida como uma forma de denunciar a mulher africana vítima de silenciamento da sociedade, numa narração temporal que focaliza os acontecimentos a partir do passado, através das memórias da personagem: “Alguém folheia um jornal. – Veja isto comadre. Duas crianças abandonadas pelas mães. [...] – O que lhes aconteceu? – Alguém as deitou fora. As mulheres estão doidas.” (CHIZIANE, 1994, p. 129). Através do relato memorialístico, Paulina Chiziane recorre à literatura para mostrar que esta é uma das maneiras de se construir e estabelecer a memória, e também de (re)elaborá-la criticamente.

Assim, fica evidenciado o conceito de memória associado à construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado. Isso pode ser percebido na seguinte passagem: “O vulcão da recordação explodiu narrativas; as lavas caíram como soco nas gargantas abafando os acordes, calem-se todas as bocas, a comadre é que fala! A voz de Maria fez-se ouvir das profundezas do tempo” (CHIZIANE, 1994, p. 129).

Nota-se que esse “ouvir das profundezas do tempo” já remete a algo que estava nas profundezas, ocultado, silenciado. Então, nesse momento, a memória ganha um grande destaque por estar relacionada a esse silêncio imposto à Maria, tornando-se, com isso, um ato de resistência. O saber-poder que foi utilizado para silenciar e governar Maria é quebrado nesse momento, por ela. Então logo inicia: “Lembro-me da noite sem lua, quando debaixo do cajueiro disse sim, ao homem dos meus sonhos” (CHIZIANE, 1994, p. 130). Nesse momento de rememoração, Maria inicia o relato de uma vivência.

De um lado, esse contexto do conto de Paulina Chiziane, constitui um lugar de memória já que guarda um passado conhecido e encena ambientes de memória ao fazer referência ao ritual tradicional da cultura moçambicana de contar histórias. Isso ocorre no momento em que Maria inicia seu relato e em seu entorno há um grupo de pessoas esperando pela história que será contada; “Vamos, conta-nos tudo, Maria, pareciam incitar as vozes em

silêncio” (CHIZIANE, 1994, p. 130). Nota-se aqui que as vozes silenciam para ouvir Maria, elas não são silenciadas. Por outro lado, há a memória da Maria que irá trazer à tona o processo de silenciamento que acomete as mulheres nesse espaço por meio do relato da própria experiência.

Pierre Nora (1990) define o lugar de memória como a história que ainda possui restos de memória. Logo, é um passado que foi reconhecido e que, portanto, passa a ser arquivado. Com isso, é possível reconhecer que o conto de Paulina Chiziane se configura como um lugar topográfico de memória, já que registra situações vividas pelas mulheres moçambicanas silenciadas em determinada época da história de Moçambique. Maria foi silenciada pelo peso traumático da tradição. Uma mulher que não tivera a oportunidade de fazer as escolhas que pudessem guiar a própria vida é obrigada a silenciar-se e aceitar a ordem paterna de abandono do lar. O longo silêncio sobre o passado fê-la resistir ao tempo e ao esquecimento até o momento do desabafo. Sobre a memória silenciada, Michael Pollak diz que “... o silêncio sobre o passado está ligado em primeiro lugar à necessidade de encontrar um *modus vivendi* com aqueles que, de perto ou de longe, ao menos sob a forma de consentimento tácito, assistiram à sua deportação”. (POLLAK, 1989, p. 3).

Falar sobre o próprio trauma foi a forma que Maria encontrou para resistir às dificuldades encontradas até encontrar um espaço no qual pudesse reforçar os laços de pertencimento perdidos e compartilhar a memória silenciada. Ao sentir-se pronta para relatar sua situação, é como se Maria tivesse passado por um processo de reconstrução. Sobre isso, Michael Pollak diz que “Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros”. (POLLAK, 1989, p. 11).

A situação vivida por Maria confirma que a constituição da memória de um indivíduo é uma combinação das memórias dos diferentes grupos dos quais ele participa e sofre influência, seja na família, na escola, em um grupo de amigos ou no ambiente de trabalho. Essa memória parece ser retomada no conto quando aparece mais uma personagem que se emociona com o relato de Maria. Isso remete à constatação de que a situação vivida por Maria foi apenas mais uma de tantas outras Marias:

Na caserna de Maria há uma mulher que chora, e os soluços sincronizam com a makwayela das palmeiras. Os corvos em revoadas grasnam agouros, as nuvens já abalaram e o sol voltou a abrasar. As águas do Índico balançam com mais força sob o domínio do vento sul. No coração da noite haverá tempestade. (CHIZIANE, 1994, p. 133).

Podemos observar que essa constatação de que haverá tempestade está relacionada à própria Maria que, por meio de um acontecimento com uma ‘mulher que chora’, o vulcão da memória trará o seu episódio traumático à tona. Esse fato remete às palavras de Michael Pollak acerca da reconstrução de si: Maria, por meio do choro dessa mulher, reconstruirá um episódio de sua vida marcado pelo abandono, pelo silenciamento; eis, portanto, a presença da memória como força para resistir às dificuldades por ela enfrentadas.

Na sequência, será possível notar vários fatos que demonstram o resistir de Maria ao tempo, à violência sofrida desde o dia em que fora expulsa de casa, ao silenciamento que era imposto a todas as mulheres, pois Maria passa do papel da mulher criada para obedecer ao esposo para o de protagonista de sua própria vida. Ela faz a travessia do universo patriarcal e luta contra o destino que lhe tentam impor.

O estereótipo de mulher transgressora já é desenhado logo no início ao observarmos que a imagem de todos estão reunidos bebendo e conversando na “caserna de Maria” (CHIZIANE, 1994, p. 128), local onde “... o povo triste recria a felicidade” (CHIZIANE, 1994, p. 128). Aqui, nota-se que Maria passou a ser dona de um estabelecimento comercial, já que todos estão em ‘sua caserna’. Os acontecimentos da sequência revelarão o quanto Maria foi persistente ao não se deixar levar pelo sistema de anulação que lhe fora imposto, afinal, ser expulsa da casa dos pais e ter que levar um bebê recém-nascido nos braços era considerado algo inaceitável; tão inaceitável quanto ela ter ficado na casa dos pais, onde morava, estar com um bebê, sua filha, não sendo casada. Então, vem a sequência a partir do momento em que alguém folheia um jornal: “ – Veja isto, compadre. – Duas crianças abandonadas pela mãe. – Alguém as deitou fora. As mulheres estão doidas.” (CHIZIANE, 1994, p. 128). Foi em meio a esse fato do noticiário de duas crianças abandonadas que Maria iniciou seu relato. Cabe lembrar também que em momento algum houve uma palavra relacionada ao pai dessas crianças; o que se ouviu já foi a condenação de uma mãe que poderia ter abandonado as crianças.

E foi com isso que, em meio ao julgamento do fato noticiado que Maria discorda de seus convidados e pronuncia-se: “– A maldade nasceu antes da humanidade. A culpa cabe às mães, mas é de toda a sociedade.” (CHIZIANE, 1994, p. 129). Após dizer isso, surge uma voz que insiste em colocar a culpa do abandono nas mulheres “– Não fuja da verdade, comadre, que a culpa está com as mulheres. O que dizes é suruma de bebedeira, estás embriagada, sim” (CHIZIANE, 1994, p. 97). Após isso, Maria continua:

– O que vocês não sabem – disse Maria – é que cada nascimento tem uma história e cada acção uma razão. Na minha juventude cometi o mesmo crime, ou melhor, ia cometê-lo. Tudo por causa desse amor amargura, amor escravatura, que transtorna, que enfeitiça, fazendo da amante a sombra do amado. (CHIZIANE, 1994, p. 97).

E foi com essas palavras que Maria inicia seu relato que, por um processo de reconstrução, ganha o destaque de denúncia às opressões pelas quais as mulheres passam:

Lembro-me da noite sem lua, quando debaixo do cajueiro disse sim, ao homem dos meus sonhos. O régulo de Matutuíne, meu pai, disse não a esse pobre, sem gado para lobolar a filha do rei. Ao meu homem ultrajado não restou outra alternativa senão procurar o lenitivo das mágoas do outro lado da fronteira, em Johannesburg, deixando-me o ventre semeado. Nos nove meses de gesta, minha alma em suplício consumiu facadas. Quinze dias depois do nascimento da criança, o meu pai disse: fora desta casa. (CHIZIANE, 1994, p. 130).

Nota-se, nesse excerto, que Maria, enquanto mulher, não pode ser dona do próprio desejo e a recusa do *lobolo* (casamento) por parte do pai, com o homem que amava, deu-se por questões financeiras, ou seja, o pai é quem determina com quem a filha deve se casar. Vejamos que na fala de Maria, não houve nenhuma palavra de contrariedade à ordem do pai: tanto mãe quanto filha tiveram que obedecer à expulsão de Maria. O que se observa nesta sequência da narrativa:

Amarrei a capulana bem firme; com o bebê bem seguro nas costas, jurei: os empecilhos que obstam a minha estrada serão removidos pela minha mão. Chegarei a Johannesburg, minha terra de promessa. Abandonei a casa no ritual dos galos cerrando as cortinas vesperais. Segui o rasto do cruzeiro do sul, caminhei dias, e noites suficientes para contar todas as estrelas do firmamento. (CHIZIANE, 1994, p.130).

No exceto acima notamos a determinação e Maria. Mesmo certa de todos as dificuldades e julgamentos que iria enfrentar, colocou-se como determinada a cumprir a ordem paterna. Essa determinação se deve ao fato, especialmente, de que às mulheres, naquele local, cabia o silenciamento. E mesmo sendo silenciada, Maria segue na certeza da construção de uma imagem transgressora de mulher. No entanto, em um dado momento, ela, insegura do que receberia pela frente, tenciona abandonar a filha:

Meus olhos inquietos procuravam uma lixeira, uma vala, uma corrente de água, esgotos, um lugar qualquer, para desfazer-me do meu fardo. (...) De repente o coração pulsou: uma moita cruzou o horizonte dos meus olhos. Será ali, será ali, o cemitério da minha filha, e à noite, bandos de corvos deliciar-se-ão com o corpo frágil do meu rebento, ai!... (...) Mergulhei na moita, paraíso ilícito. Os amantes também lá estavam, protegendo os abraços dos olhares indiscretos, e eu nem os vi, empenhada que estava na minha tarefa

secreta. Adeus, fruto do prazer e dor; amor de fervor, adeus! Abandonava o lugar em passos de fuga; o casal que me espiava lançou gritos, alarmando os transeuntes que me rodearam. Uma velhota enxotou os curiosos, levou-me à sua casa para tratar da criança. Nem com isso desisti de meus intentos. (...) O sono venceu-me. No sonho vi a minha pequena já crescadinha, rindo em gargalhadas rasgadas nos braços do pai. O choro da criança interrompeu o meu sonho, transportando-me para o novo sonho desta vez bem mais real: a criança sorria, vencendo a agonia. (...) Os espíritos do mar venceram o mal, amém! Pelo sinal da Santa Cruz. (CHIZIANE, 1994, pp. 131, 132).

Podemos observar, nessa personagem, alguns reflexos de transgressão, como: não desanima, amadurece mediante o sofrimento, age valentemente reagindo à violência à qual é submetida, mantém-se firme. Em alguns momentos mostra-se submissa, já que em um espaço no qual a mulher só tem valor se aceitar a submissão de ordem paterna, algumas vezes, é preciso entregar o próprio corpo como garantia de vida para si e para sua filha: “Desatas o lenço e a capulana. Da blusa já levantada, espreitam os seios surrados de mil beijos, desfraldas as cortinas de teus segredos [...]” (CHIZIANE, 1994, p. 130).

Em meio aos tropeços expostos por Maria a fim de conseguir o momento em que estaria novamente ao lado do homem amado, nota-se muito sofrimento, mas também muita coragem para driblar os obstáculos: “Como uma pena voando ao vento, balancei de poiso em poiso, contornando vilas, cidades, até alcançar o objecto da minha aventura: o meu homem”. (CHIZIANE, 1994, p. 133). Dessa forma, no conto “As cicatrizes do amor”, Maria, além de articular-se como mulher que se constrói, coloca a narrativa nos polos patriarcal e transgressor, revelando um silêncio que reside no processo de silenciamento que foi, por anos, imposto às mulheres.

3.2 O silêncio e a resistência de Natalina Soledad

O conto de Conceição Evaristo “Natalina Soledad” foi publicado na coletânea *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e conta a história de uma criança que não foi anulada da vida familiar, do convívio diário, mas foi anulada dentro do próprio lar por ter nascido mulher; o que desagradou ao pai. Isso é o que já pode ser notado em:

Natalina Soledad, tendo nascido mulher, a sétima, depois dos seis filhos homens, não foi recebida pelo pai e não encontrou acolhida no colo da mãe. O homem, garboso de sua masculinidade, que, a seu ver, ficava comprovado a cada filho homem nascido, ficou decepcionado quando lhe deram a notícia de que o seu sétimo rebento era uma menina. (EVARISTO, 2011, p.19-20).

Analisamos aqui o sofrimento feminino sob duas óticas: na primeira temos uma criança que, por ser menina é rejeitada pelos pais e sente toda essa rejeição; na segunda temos a culpabilidade de o nascimento da menina ser atribuída à mulher/mãe. Nesse trecho observamos que mesmo antes de Soledad terem nascido seis filhos homens, não foi suficiente para que o pai pudesse tê-la recebido com amor. Assim, é possível observar o sofrimento da criança por ser rejeitada e da sua mãe por não ter gerado mais um menino; e essa mãe, para não prejudicar o casamento, acaba por também rejeitar a filha, especialmente porque o marido passou a tratá-la também de forma indiferente:

Sua mulher devia ter se metido com alguém e ali estava a prova. Uma menina! Só podia ser filha de outro! E, desde o nascimento da menina, Silveira Neto, que até então cumpria fielmente o seu dever de marido, - segundo a visão dele -, deixou de se aproximar da mulher, tomou nojo do corpo desobediente dela, do corpo traidor de sua esposa (EVARISTO, 2011, p. 20).

Esse comportamento de Silveira para com sua esposa Maria Anita Silveira remete ao pensamento de Simone de Beauvoir (1980). Para a filósofa, ser mulher é um tornar-se mulher; uma tarefa que cabe à mulher, pois é ainda na infância que as crianças são educadas para terem diferentes formas de estar em sociedade. Enquanto a menina é educada para ser essencialmente passiva, aceitar, ser paciente, comedida no andar, no falar, no sentar; o menino já tem todas as suas ações realizadas de maneira livre, justificadas no fato de ser menino; de pertencer ao gênero masculino.

Diante do exposto acerca da condição feminina temos, assim como na narrativa de Paulina Chiziane, o silêncio e o silenciamento da mulher. De um lado, nota-se o silenciamento a partir da observação do comportamento de Maria Anita. Fica notado a repressão feminina, a imposição de calar-se, já que a voz do patriarca é quem define toda a organização familiar. Com isso, notamos as desigualdades entre o homem e a mulher na organização social, o que possibilita que visualizemos as relações de poder representadas em formas de silêncio, como afirma Ferrari “silêncio e silenciamento são partes de um mesmo processo de negar a existência de algo ou alguém” (FERRARI, 2011, p. 93). É por meio do silenciamento, ou seja, o silêncio imposto pelo marido, que Maria Anita também impõe um silêncio em relação à existência da própria filha.

O que não podemos deixar de mencionar é que esse silenciamento que Silveira impõe à mulher e à filha, deve-se a questões historicamente construídas por meio de apagamento da mulher como sujeito ativo, capaz e com direitos tais quais ao homem. Michelle Perrot (1995) nos lembra sobre esse silenciamento da mulher na constituição da sociedade

Até o século XIX, faz-se pouca questão das mulheres no relato histórico, o qual, na verdade, ainda está pouco construído. As que aparecem no relato dos cronistas são quase sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas. A noção de excepcionalidade indica que o estatuto vigente das mulheres é o do silêncio que consente com a ordem. (PERROT, 1995, p. 13).

Observarmos, nas palavras de Perrot que a história das mulheres foi silenciada por uma história construída especificamente para os homens e por homens. Esse fato é o que pode ser percebido no reflexo da relação que Silveira estabelece com a mulher e com a filha a partir da presença desta. Notamos, então, que o comportamento de Silveira para com a mulher e a filha se justifica por ele ser do sexo masculino; já Maria Anita, assim como a filha, o que resta é aceitar a revolta e a rejeição do marido/pai. O nascimento de uma menina, significou para Silveira um ato contra sua vontade; uma ação que jamais seria permitida, já que cabe à mulher obedecer a ordem do patriarca.

O nome com o qual Soledade menina foi batizada “Troçoieia Malvina Silveira”, já denota o desprezo do pai; o que se confirma ainda mais em passagens, como: “A criança só herdou o Silveira no sobrenome porque a ausência desse indicador familiar poderia levantar a suspeita de que algo desonroso manchava a autoridade dele” (EVARISTO, 2011, p. 21). Mais adiante, nota-se ainda em: “Com o tempo, haveria de descobrir uma maneira de mantê-la longe” (Idem); e mais ainda em: “A coisa só merecia o esquecimento, a mãe também”. (Ibdem). Tratar a filha como coisa, delegar a mulher e a filha ao esquecimento é mais um reflexo do silenciamento.

E assim, no ambiente hostil em que Natalina Soledad vivia, o tempo que passava era mais na solidão:

A menina Silveira crescia a contragosto dos pais. Solitária, aprendera quase tudo por si mesma, desde pentear dos cabelos até os mais difíceis exercícios de matemática, assim como se cuidar no período dos íntimos sangramentos. Dos cadernos e dos livros velhos desprezados pela prole masculina, que começava os estudos, ainda quando cada um precisava de um auxílio para suspender a cueca, sozinha, ela recolhia suas lições. (EVARISTO, 2011, p.21).

Percebe-se que, com o passar do tempo, a família vai se configurando com os filhos/homens tendo direitos à educação, vida em sociedade, enquanto Soledad crescia isolada. E foi “Só mais tarde, depois de ter como cúmplice a voz de um de seus irmãos, obtive a concordância do pai e, conseqüentemente, a da mãe, para frequentar a escola”. (EVARISTO, 2011, p. 21). Essa forma de desamor em que a menina crescia fez com que ela

começasse a cultivar “um sentimento de desprezo pelos pais, na mesma proporção em que eles não lhe ofereciam nenhum abraço de resguardo (...) ignorava a presença dos dois, não só na intimidade do lar, mas fora dela também” (EVARISTO, 2011, p. 22)

Nota-se, nessa narrativa, a rejeição de uma criança que se deu apenas por ter nascido menina. E foi então que “Silverinha, já adulta, depois de alguns encontros, sem graça alguma, nem amores eram, e sim raríssimos encontros, sem graça alguma, com homens de belos nomes, desistiu também do amor a dois. Dos amores múltiplos de família ela não experimentava lembrança alguma”. (EVARISTO, 2011, p.22)

Retomando o pensamento de Beauvoir, para Natalina, foi difícil tornar-se mulher, pois não encontrou nem o apoio da mãe para que pudesse ter um amparo e assim ter forças para tentar mudar aquela situação de desprezo familiar. E foi somente após a morte dos pais, já com trinta anos de vida realiza o sonho de trocar de nome:

Quando o escrivão lhe perguntou qual nome adotaria, se seria mesmo aquele que aparecia escrito na petição de troca, ela respondeu feliz e com veemência na voz e no gesto: Natalina Soledad. O tabelião, não crendo, tentou argumentar que aquele nome destonava da denominação familiar dos Silveiras e que era meio esquisito também. (EVARISTO, 2011, p.24).

E foi assim que a menina batizada de nome *Troçoleia Malvina*, realizou seu desejo de mudar o seu próprio nome mesmo ciente de que este fato a manteria ainda só. A mudança de nome foi como um renascimento para a personagem, remetendo à significação de “natalina”; natal; nascimento.

Observamos, então, que esse renascimento de Troçoleia por meio da troca do nome surge como a expressividade do silêncio que lhe fora imposto, ou seja, a expressividade do silêncio como fonte denunciadora, como um desabafo do feminino oprimido. Observamos também que Natalina não conseguiu estabelecer nenhuma relação afetiva na vida adulta devido aos reflexos negativos de como fora tratada, sem referência familiar, tampouco referência de construção de relacionamentos. Temos, portanto, o silêncio enquanto um suporte referencial para a compreensão das revoltas e insatisfações que compôs a própria vida e a rotina de sua mãe que ela presenciou.

3.3 Maria e Natalina: pontos da memória

Os dois contos em estudo, além de trazerem em suas representações a questão do silenciamento feminino como reflexo de uma construção de histórica de apagamento da

mulher, têm também o fato de serem produções de duas escritoras negras que, ainda hoje, enfrentam as barreiras oriundas de preconceitos raciais que ainda existem na sociedade de maneira geral. Apesar de Paulina Chiziane falar de um lugar, espaço moçambicano, Conceição Evaristo de outro, espaço brasileiro, ambas têm uma história de luta por seus espaços como escritoras semelhantes. Paulina traz a dificuldade de ser escritora sendo mulher; Conceição traz as dificuldades de ser uma escritora negra no Brasil. O que percebemos é que as dificuldades enfrentadas por cada uma confluem: as de Paulina são também de Conceição e vive e versa.

Com relação aos contos, os enredos se aproximam em diversos aspectos, tendo a memória como ponto essencial que se efetiva por meio da confissão. No conto “As cicatrizes do amor”, logo no início a personagem Maria, inicia o relato de uma vivência que deixou, por anos, silenciado na memória: “– O que vocês não sabem – disse Maria – é que cada nascimento tem uma história e cada acção uma razão. Na minha juventude cometi o mesmo crime, ou melhor, ia cometê-lo” (CHIZIANE, 1994, p. 97).

Quando vamos ao conto “Natalina Soledad”, essa mesma memória silenciada se faz presente: “Natalina começou a narração de sua história, para quem quisesse escutá-la” (EVARISTO, 2011, p. 19). Relacionando, já de início as duas narrativas, notamos que, assim como afirma Pierre Nora (1993), temos, nessas duas personagens, lugares de memória; esses lugares que nascem e vivem. As duas personagens criaram, em si, arquivo para guardar um passado que foi silenciado como forma de defesa. Como afirma Nora (1993) “Se o que defendem não estivesse ameaçado, não se teria a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que envolvem, eles seriam inúteis” (idem, p. 13). Tanto Maria quando Soledad construíram os próprios arquivos para guardarem as experiências passadas para que pudessem, em primeiro momento, resistir e transgredir o que vivenciaram para, em segundo momento, por meio da memória, apresentarem seus relatos.

No ensaio *Memória, esquecimento, silêncio* (1989), Michael Pollak analisa, a partir de reflexões sobre os textos de Maurice Halbwach, a questão do embate entre a memória e o esquecimento, após a situação do trauma. Sabemos que o texto de Pollak refere-se a traumas como o Holocausto, mas, quando pensamos as duas narrativas em estudo, a questão do trauma serve como ponto de partida, pois o confronto entre o lembrar e o esquecer, entre a memória oficial (o que pode ser dito) e as memórias subterrâneas (aquelas que são silenciadas, interditas), são os jogos conflituosos metaforizados nas duas narrativas. Em “As cicatrizes do amor”, temos Maria que luta, por meio da confissão memorialística, ressignificar

a própria identidade. Em “Natalina Soledad”, temos a Natalina que busca uma reconfiguração de si pelo processo da troca do nome.

Outro elemento que envolve as duas narrativas e que também está relacionado à memória é o sentimento de pertencimento, logo de identidade que, por sua vez, relaciona-se à individualidade e coletividade. Para Maurice Halbwachs (2004), a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A lembrança, de acordo com Halbwachs, “é uma imagem engajada em outras imagens” (HALBWACHS, 1990, pp. 76-78). Maria, do conto de Paulina, traz suas lembranças à tona a partir de uma notícia de que duas crianças fora abandonadas pela mãe, significando, portanto, a imagem de si engajada com outra, daquele instante. Conforme relata Halbwachs (1990):

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 1990, p.12)

A memória coletiva é fundamental para a construção do pertencimento, para reforçar laços identitários. E, assim como Maria, Soledad também tem a memória evocada a partir de um convite à exposição de relatos de vida. Notamos, portanto, que comportamentos como comentários, medos, inseguranças, angústias, revoltas, superações, atitudes de transgressão e resistência são elementos que envolvem as duas histórias que são interlaçadas pelos ditames do patriarcalismo que silencia e determina os comportamentos feminino.

Maria sente envergonhada pelo crime que iria cometer, e isso fica evidente no correr na narrativa. Tal vergonha está estreitamente relacionada aos aspectos sociais e ideológicos, ou seja, não são sentimentos isolados do convívio e contexto social. A dor que impulsionou Maria à ideia de abandonar a filha, foi a mesma que impulsionou o abandono relatado no jornal e o abandono de muitas outras mulheres que, em um universo completamente machista, ao se verem tendo que, sozinhas, criarem filhos que não são de responsabilidades não apenas delas, acabam por terem o mesmo ato. Já Natalina Soledad não sente remorso ou vergonha pela trocar de nome, mas há nela o remorso do abandono de si em relação ao uma construção familiar.

São, portanto, duas personagens que rompem com o padrão de conduta feminina que, por meio da memória subterrânea, expõem histórias de si, sem a preocupação do julgamento do outro/dos outros. Assim, podemos concordar com Shirley Carreira (2014) ao dizer que a

literatura se abre a leituras não apenas do que está sendo narrado, mas também à leitura da sociedade em seu processo humanizador e formador. A pesquisadora diz ainda que quando se trabalha, em uma pesquisa, com duas narrativas, a leitura se amplia e o que está sendo narrado não se restringe apenas ao que está nas obras, já que a pesquisa passa a se configurar como uma prática social, podendo ser aproximadas de maneira didática, enriquecendo o trabalho comparativo com elementos que fazem corpus as duas obras, a partir das trajetórias de vida das escritoras e dos conteúdos retratados.

Dessa forma, como já foi dito, temos, nesse estudo, duas escritoras negras histórias de lutas semelhantes, mesmo estando em espaços geográficos diferentes; temos duas escritoras que enfrentaram situações de preconceitos semelhantes para constituírem-se como escritoras; temos a representação de duas personagens negras que vivenciaram traumas, silenciamentos, rejeições por serem mulheres. São duas vozes femininas que proporcionam leituras diversas acerca das relações sociais, culturalmente construídas em relação ao papel social do homem e da mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar a uma conclusão quando se trata de leituras e análises literárias é quase impossível, por se tratar de um campo com terreno fértil e de possibilidades. Mas, pudemos perceber que ao escrever o conto “As cicatrizes do amor” Paulina Chiziane, assim como Conceição Evaristo ao escrever “Natalina Soledad” traz uma narrativa repleta de elementos essenciais que nos ajuda a compreender a condição feminina em um universo cheio de silenciamentos à mulher. O ato da escrita como resistência, como uma forma de sentir essencial ao mundo, são também verdades que podemos perceber nas duas narrativas.

Compreendemos que uma das razões de existir da arte literária é o propiciar do desnudamento do mundo pelo pacto feito autor e leitor para que ambos possam colaborar na transformação da realidade. Essa realidade que podemos perceber pela obra de arte é alcançada por Paulina e Conceição devido á verossimilhança transmitida pelos textos. Paulina, parte de um universo no qual é comum a imposição patriarcal sobre o destino das filhas; Conceição parte da escuta de um relato para produzir sua narrativa. Independente da motivação, são narrativas que contribuem para a compreensão do universo feminino, especialmente, do universo na mulher negra que carrega não apenas o peso de ser mulher em um mundo feito para a liberdade masculina, mas também por serem mulheres negras que são, em grande escala, sexualizadas e objetificadas por este mundo feito para os homens.

Portanto, as duas narrativas emergem como um convite ao abraçar a igualdade de direitos entre os gêneros, pois, como pode ser percebido, os valores atribuídos aos gêneros estabelecem uma parte significativa dos contos, especialmente pela via das posições sociais que homens e mulheres ocupam. Cabe mencionarmos nessa etapa, o quanto as duas narrativas são importantes para que possamos refletir acerca das responsabilizações que são atribuídas às mulheres em forma de cobrança. Em “As cicatrizes do amor”, todos os relatos de abandono de filhos, o da personagem Maria e o que foi noticiado em um jornal, tiveram o apontamento da culpabilização às mulheres; elas que foram julgadas, apontadas, penalizadas, ao passo que nenhum discurso sobre o abandono foi direcionado aos homens; aos pais dessas crianças que foram abandonadas.

Por fim, embora com análise não esgotada, o que foi proposto nesta pesquisa é a problematização de questões que envolvem o silêncio e o silenciamento das mulheres no mundo com vistas ao rompimento desses silêncios e dos atos que os sustentam, especialmente por meio da memória através de denúncias, de relatos de compartilhamentos de experiências e

situações, transformando, com isso, a memória como atos de resistência porque falar, mesmo de um tempo passado, também é resistir.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. São Paulo: Duas cidades, 2017.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. **Palavra, Gênero e Poder: A Voz Feminina Por Detrás da Pena**. Cerrados (UnB), v. 1, p. 339- 359, 2011. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/cerrados>. Acesso em: 09 jul. 2014.

CHIZIANE, Paulina. Cicatrizes do Amor. In: **As mãos dos pretos. Antologia do conto Moçambicano**. Org. Nelson Saúte. Publicações Dom Quixote, 2000.

EVARISTO, Conceição. Natalina Soledad. In: **Insubmissas Lágrimas de Mulher**. Belo Horizonte. Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. In: SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13-31, 2º sem. 2009.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face**. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). Mulheres no mundo. Etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ed. Universitária; Ideia, 2005, p. 201-212.

FERRARI, A.; CLARETO, Sônia Maria; Cláudia Maria Ribeiro. **Currículo, gênero e identidade na formação de professores/as**. 2011. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 1.ed. São Paulo: Vozes, 1997.

NORA, Pierre. “**Entre memória e história: a problemática dos lugares**”. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.-1993.

POLLAK, Michael. “**Memória, esquecimento, silêncio**”. In: Estudos Históricos, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2012.

RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI ou Carta de Alforria In: VENTURI, Gustavo; RACAMÁM ,Marisol e OLIVEIRA, Suely de (Orgs). **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Editora Fundação Percecu Abramo, 2009.

SARAIVA, Juracy Assmann. Por que e como ler textos literários. In: SARAIVA, Juracy Assmann e MÜGGE, Ernani. **Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental**. Artmed: Porto Alegre, 2006. p. 27-44

SHARPE, Peggy. **Entre resistir e identificar-se – para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina**. Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 1997.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. **Escrita de mulheres e a (des)construção do cânone literário na pós-modernidade: cenas paranaenses**. Guarapuava, PR: Unicentro, 2008.